Sabbado 25 de Novembro de 1916

PAPAVEIS

Em pleno periodo de meigas illusões.

A CASA COLOMBO

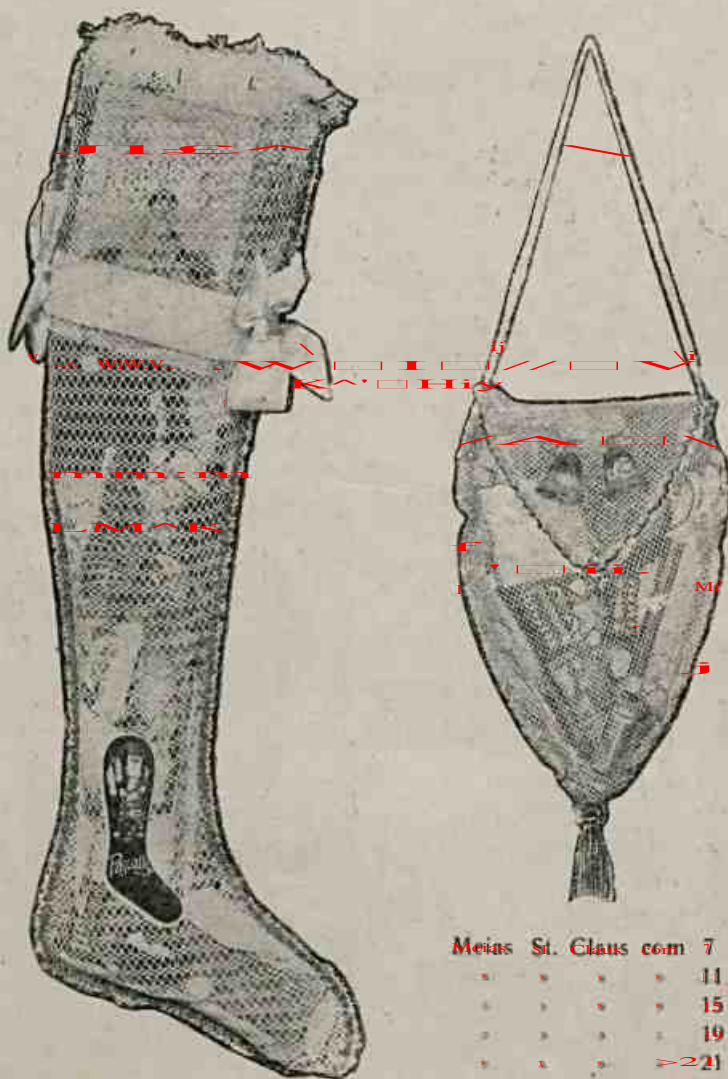
Já recebeu as afamadas Meias e Bolsas de

ST. CLAUS Pascalls

AS PREFERIDAS

E apezar das difficuldades da

importação actual, conservamos os mesmos preços do ANNO ANTERIOR

Meias	St. Claus	com	7	brinquedos	$600
»	»	»	»	11	»	1$200
»	»	»	»	15	»	2$500
»	»	»	»	19	»	3$500
»	»	»	»	21	»	4$500
»	»	»	»	23	»	7$500
»	»	»	»	28	»	10$000
Bolsas	»	»	»	10	»	$600
»	»	»	»	14	»	1$200
»	»	»	»	16	»	2$500

GRANDE VARIEDADE EM

BRINQUEDOS PARA TODOS OS PREÇOS

CASA COLOMBO

AVENIDA E OUVIDOR

CABIDE PARA CALÇAS

A gravura mostra um novo modelo de cabides para guardar as calças, impedindo que se amarrotem e que percam o vinco: um quadrado de madeira, com pequenas barras transversaes, fixo, numa parte, ao lado interior do guarda-roupa, por dobradiças, e suspenso, na outra, por duas correntes prezas em cima.

Varios pares de calças podem ser guardados nesse cabide, occupando pequeno espaço.

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO....... 15$000 | SEMESTRE..... 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL..... 300 Rs.—ESTADOS..... 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 440 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 25 — NOVEMBRO — 1916 — ANNO IX

POLITICA

No Pará, tomando nitidas attitudes de combate e desfraldando aos ventos os nomes inscriptos em suas bandeiras, os agrupamentos politicos, todos elles mais ou menos heterogeneos, fizeram e desfizeram allianças e, afinal, estenderam as suas linhas contrarias em posições definidas.

O senador Lauro Sodré, cidadão das mais elevadas responsabilidades na politica geral, como, e principalmente, na do Pará, abandonando os encantos ociosos da sua amavel commodidade, comprehendeu, e só agora os comprehendeu — os altos deveres que lhe impõem a céga dedicação e a abnegada lealdade dos seus correligionarios paraenses, e acceitou em fim, com as honras, que ha tanto tempo desfructa, de supremo chefe, os perigos de quem, envolto na batalha, dirige a campanha.

São nossos votos, deante do espectaculo que se desenrola na larga scena politica do famoso Estado septentrional da borracha e dos aventureiros, para que a conducta do eminente philosopho de farda, enchendo-o de gloria, não seja a reproducção d'aquella em que o vimos succumbir, tombando á hypothese de um ferimento, na triste rua da Passagem, entre as nevoas e os rubores da madrugada ridiculamente infausta de 14 de Novembro.

Os nossos votos são tambem pelo triumpho do sr. Sodré, e os motivos por que almejamos que as corôas da victoria consagrem as suas bandeiras têm a solidez de suas bases assentadas na terra firme da razão.

Com toda a sua tibieza, o senador Sodré possue em alto gráo a virtude apreciavel da moderação, e applicando-a, como governador, na politica e nas finanças, poderá evitar, conjurando as crises demagogicas que acabam na desordem, as crises financeiras que acabam na bancarrota.

Da antiga administração laurista, feita no periodo inicial de organisação republicana, guardam os paraenses idolatras do senador candidato ao novo governo, uma recordação grata, constantemente expressa em suspiros encomiasticos.

Sobre esses e outros motivos, prima, porém, a razão excelsa: a vontade notoria da maioria da população do Pará, teimosa vontade muitas vezes expressa, atravez de perigos e entre damnos.

Eleito, assentado no throno periodico de governador, o pacifico militar reformado poderá oppor uma contestação eloquentemente pratica ás palavras de fatigada descrença d'aquelles que, como nós, acreditando na virtuosa excellencia dos seus brilhantes dotes de amoravel chefe de familia, não depositam excessiva fé na efficacia e mesmo na existencia das suas gloriosamente gabadas qualidades de homem de estado.

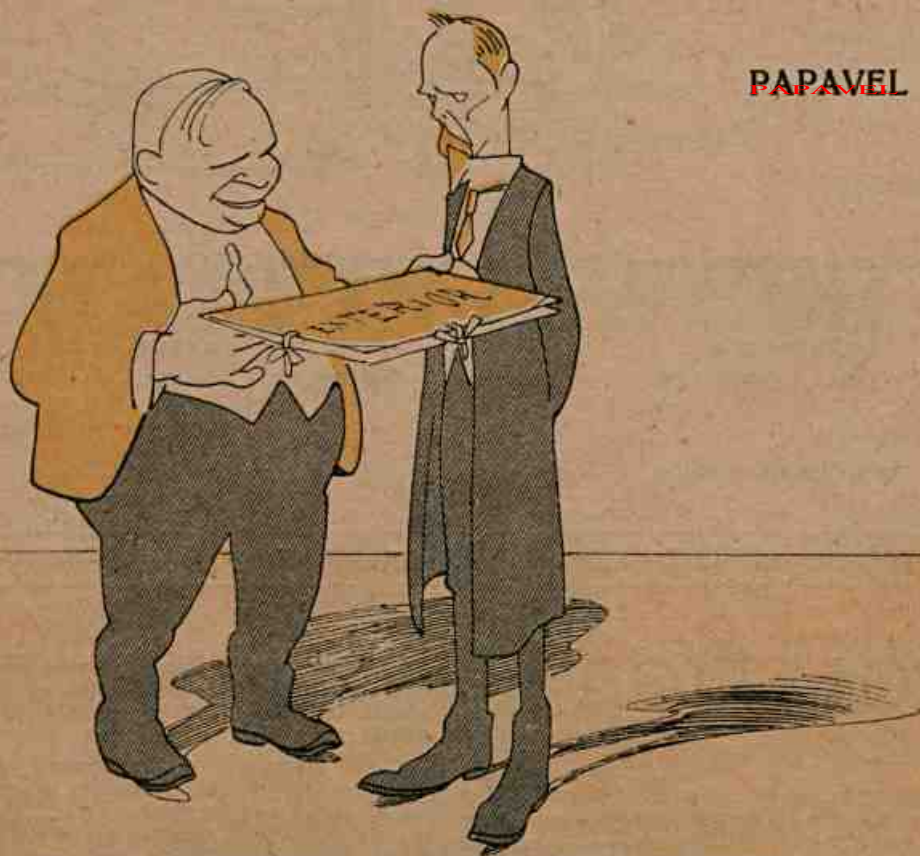
No Pará, evoluindo de uma confusão para dois campos em que se confundem sem fusão varias quantidades heterogeneas, a politica apresenta ao observador distante aspectos novos, na velharia dos seus caprichos e dos seus interesses.

Em Matto-Grosso, a situação, graças aos manejos senatoriaes do sr. Antonio Azeredo, é cada vez mais difficil e complicada.

A Assembléa facciosa, cuja orientação varia com a rapidez dos ventos de borrasca, aponta sobre a cabeça do governador intransigentemente honrado, como a pistola de um ladrão de estrada, a ameaçadora inversão illegal da lei de responsabilidade.

Como um escudo, entre o odio combativo do senador Azeredo, commandante longinquo da Assembléa, e a energica figura do governador ameaçado, o Supremo Tribunal Federal, defensor desarmado do Direito, levanta a protecção inviolavel de um *habeas-corpus*.

Em outros Estados, ha, tambem, complicações, como as ha, e grandes, turbando a vida commum da Federação.

E' porém, inutil, estudal-as na imprensa, por que a eminente paredraria copiosamente paga para resolvel-as no campo das realidades politicas, á maneira de creanças acompanhando á evolução mechanica de soldadinhos de brincadeira, está occupada, seriamente occupada, superiormente occupada em acompanhar, de olhos fitos na vastidão fumante da Europa em guerra, as indecisas manobras das interminaveis legiões que se estraçalham com o doudo furor com que nós nos combatemos.

LAURO — Talvez, você ainda venha a occupar a pasta.
S. DANTAS — Eu sei, snr. ministro. V. Ex. tambem é interino.

A temporada dos exames

Estamos em plena época de exames. Nos collegios particulares e officiaes, nas escolas, nas academias, a efervescencia é grande.

Não são porém só os alumnos e professores que se interessam pelos exames. Ha espectadores aficionados que preferem uma banca de exame ao melhor cinema.

E têm razão.

Digo que têm razão, porque sou um delles.

O anno passado gozei bôas horas, gratuitamente, a assistir exames de preparatorios.

Só frequento exames de preparatorios. Os das faculdades de ensino superior são um espectaculo muito violento para mim.

Foi no collegio Pedro II que ouvi a curiosa traducção de «chapeau gris» por «chapeu de grito». O pobre menino que cometeu este lapso foi... approvado.

Um exame de phisica me proporcionou tambem um espectaculo divertido.

Compareceu á mesa um rapaz de seus desoito annos, de buço bem pronunciado e olhos vivos.

A prova escripta tinha sido regular.

As provas escriptas raramente podem ser optimas, porque duas horas não é tempo sufficiente para o examinando ler, traduzir e escrever o ponto. Alguns examinadores têm o máo costume de perambularem entre as mesas, e durante esse passeio é necessario esconder o livro na carteira ou sentar sobre elle. Tudo isto é tempo perdido.

Por isso o melhor meio de fazer com segurança a prova escripta é levar a colla já preparada e dobrada na forma classica da sanfona.

O nosso examinando tinha levado uma colla mal feita, por isso a sua prova recebera grão 4.

Os examinadores queriam firmar o juizo sobre o seu preparo na prova oral.

Depois de algumas perguntas mais ou menos mal respondidas, interrogaram-no sobre o sifão.

— O senhor conhece o sifão ?

— Sim senhor.

— E' capaz de dar um exemplo de sifão ?

— Sim senhor.

— Então dê.

— Um bebedo.

— Um bebedo ! exclamaram ao mesmo tempo os tres examinadores.

— Sim senhores ; um bebedo, um beberrão.

— Onde viu o senhor isto ?

— Na phisica.

— De que autor ?

— De Lenoir.

— Então Lenoir apresenta como exemplo de sifão um beberrão ?

— Sim senhor. Tenho certeza.

— Queira mostrar-me isso !

O examinando tomou o livro, folheou-o durante alguns instantes, para diante e para traz, afinal bateu com a mão numa pagina aberta e exclamou triunfantemente:

— Aqui está.

— Pois vamos ver isto, leia lá.

— *Exemple de syphon*: *un biberon.*

Nunca vi uma explosão de gargalhadas igual á que acolheu esta resposta. Se as paredes do Pedro II não fossem tão solidas teriam certamente vindo abaixo naquelle dia.

Na banca de Historia Natural assisti a um interessante exame de um candidato de quinze annos aparentes.

Sahiu-lhe um ponto de phisiologia: os pulmões e seu funccionamento. A Historia Natural só figura nos programmas *pro forma*. O exame versa todo sobre anatomia e phisiologia. De modo que os alunos só estudam esta parte.

Assim não é raro ver um examinando prestar um acto brilhante e ser aprovado com distincção. E se depois do exame lhe perguntarem se o ceu é um bipede ou um insecto, elle ficará em duvida para responder.

O nosso examinando respondeu como poude ás perguntas. Seu atrazo era evidente.

Querendo auxilial-o o examinador perguntou-lhes: Sr. Fulano, queira me dizer por onde respiramos.

— Pela bocca e pelo nariz.

— Bem. Agora diga. Por onde passa o ar para entrar nos bronchios?

— Pela...

— Vamos, diga!

— Pela guela!...

Reprovado.

A chimica proporciona tambem horas agradaveis aos expectadores de exames.

Em um delles o examinando estava sendo interrogado sobre a oxidação.

— Se o senhor expuzer uma barra de ferro ao ar, principalmente ão ar humido, que é que acontece?

— Enferruja-se.

— Exactamente. E' isto mesmo. Mas nós chimicos, homens de sciencia, não empregamos esta linguagem trivial. Deixamol-a para o vulgo. Nós dizemos que o ferro oxida. Não é isto?

— Sim senhor.

— Muito bem! E o ouro é sujeito ao mesmo fenomeno?

Hesitação do examinando.

— Diga uma cousa, moço. Se o senhor puzer um pedaço de ouro exposto ao ar livre, que é que acontece?

— Furtam-no; respondeu o examinando, depois de longa meditação.

Com o tempo de crise que atravessamos, nem toda gente póde frequentar os cinemas e os teatros. Mas ahi estão os exames.

São divertidos e, o que é muito importante para os espectadores, são gratuitos.

BASILIO

O velho gamenho

— Quem é este *velho feio*?

— Não sei, mas deve ser um *moço bonito*.

LA CARÈTE ÉCONOMIQUE

Journal hebdomadaire consagré aus interets de qui pague bien

INDUSTRIE — COMMERCE — FINANCES — POLITIQUE — CAVATIONS

Apparait touts les sabbades — Organe allié

N. 1024 | 25 — Novembre — 1916 | Prèce 300 rs.

ARTIGUE DE FOND

La commemoration du 15 de Novembre. Un balance significatif

Passa au die 15 de Novembre le 27e anniversaire de la proclamation de la Republique et comme touts les ans fut la fausteuse date commemorée avec les tirs des fortalèzes et une reception au Cattete.

L'occasion est puis bonne pour faire une comparaison entre les deux regimes, mostrant les lucres qui nous avons obtu avec la Republique.

Cette comparaison est tante plus necessaire quant ces ultimes temps la propagande monarchique plus ou moins velèe se vient faisant dans les jornaux principalement par le deputé Leon Velleux dans le *Courier du Matin.*

Nous qui sommes republicains ici et en Caixe-Prégues n'admettons pas propagande insidieuse et aproveitons l'occasion pour protester notre devotement au regime que tant tient contribué pour la prosperité du pays en general et des politiques en particulier.

Dizent les monarchiques que au temps de la monarchie le falleçu imperateur tenait un lápis conheçu par lápis fatidique avec lequel il marquait le nom de touts les traitants qui fiquaieant dans le mat sans cachorre, n'arranjant ni un os pour rouer.

Accrescentent qui avec la Republique chegua la fois des traitants tomer compte de toutes les positions, passant pour la main d'ils le tel lápis fatidique avec qui ils marquent le nom de touts les gens series qui n'arrangent rien.

Ceci est la pure verite, nous tenons la courage de le confesser, mais ces traitants qui sont ? Ils sont les representants du peuve, legitimement elejus par le suffrage universel et non un prince colloqué au throne seul pour qui l'acas le fit naisser dans une familie imperiale. Une humiliation telle est impossible dans le regime republicain.

Si le peuve elege traitants pour le representer est pourquoi il julgue ces traitants personnes parfaitement de bien, dignes du mandat.

Ils peuvent ôtre traitants mais sont botés au gouverne par le peuve, par sà volont expresse dans les urnes et non pour un simple acas.

Iste est la preuve plus frisante de la superiorité du regime republicain sur le monarchique qui nous a infelicité un portion d'âns.

Les monarchistes enchent la bouche dizant qui quand la monarchie fut deposée nons gozions d'un cambie tant elevé (27) qui depuis de la Republique proclamée n'avons consegui ni la moitié.

Est verité tantbien. Mais tout la gent sait qui avec le cambie haut notres mercadories rendent beaucoup moins à l'exportation, notre monnaie-papier valant tant comme l'or etranger.

Pour consequence cet cambie bas est une vantage qui la Republique nous à prodigué, valorisant notre exportation qui pour cet motif a subi au double de 1889 pour ici.

Pour cet motif e aucuns autres qui ne valent à la peine exterioriser nous pensons et avec nous toute la gent de bon sens que la Republique est le regime ideal et la monarchie ne preste pour rien.

Vive la Republique.

Je même

LITTERATURE, ETC

(Contribution pour le Folk-lore)

Avec les choses saintes
Je ne gouste pas de caçoer
Mais mère Eve fut tant ladine
Qui fit Père Adan pecher.

Murier de la Roche

—

Cachacigne est menine blanche
Mais son père est bien triguier
Qui tome amour pour elle
Ne peut ajunter dinier.

Gustave Barreux

—

Cigarrette de papier
Fume vert ne fumegue pas
Ou je vois pequene bonite
Mon coeur ne secegue pas.

Edouard Saboye

—

Comme peut le poisson vive
Viver feure de l'eau frie ?
Comme je poderais viver
Sans la tienne compagnie ?

Joseph Line

—

Je tiens dentre un bichigne
Qui me va tout roant
Quant plus j'afague le biche
Plus le biche va cresçant.

Alvare Fernandes

—

Criolle qui goste de blanc
Goste de cachorre tantbien
Le cachorre n'est pas gent
Et negre n'est pas rien.

Edouard Studart

—

Camaleon fut au palace
Pour faler avec le president
Est chose que je n'ai pas vu
Camaleon faler avec la gent.

Frederic Borges

—

Caboclе ne va pas au ciel
Ni sejant três rezadeur
Puis tient les cheveux três durs
Espetent Notre Seigneur.

Justinien Serfe

—

Donnez-moi de la lime un gomme
De cette orange un pedaca
De cette bouche un beijigne
De cet corpigne un abrace.

Osorie de Paive

—

De la bouche je fais tintier
De la langue plume aparée
Des dents lettre miude
Des yeux carte fechée.

Camille d'Hollande

—

Dentre de ton petit coeur
Je tiens mettu le mien
Quand le ton coeur repinique
Bat le mien dentre du tien.

Maximien de Figueirede

—

Je tiens deux bons engegnes
Un de vent, autre de l'eau
Quand un ande, autre desande
Quand un desande autre ande.

Coin Lime

—

Je deite à la came, et ne pegue dans le somne
Ma care fique toute en chammes
Pour chasser et n'acher pas
Une pulgue dans ma came.

Octacille Albuquerque

—

Deboutonne ton collet
Laissez-moi voir ta chemise
En bas delle le cœur ingrat
Qui me fait perdre le size.

Simeon Loyal

—

Cette nuit j'ai donné un soupir
Qui rompit la terre dure
Les estrelles ont respondu :
Quel soupir de creature !

Balthazar Poirier

—

Dieu lui pague votre esmole
Dieu lui donne beaucoup pour donner
A' l'heure de votre morte
Dieu veut lui perdonner.

Paul Barrett

—

De mon pet j'ai fit un coffre
Pour garder les mes douleurs
Mais toi avec tes carignes
As enchi le coffre de fleurs,

Ildefons Albain

—

De man pet j'ai fit un cantier
Où j'ai planté une sensitive
Mon amour fut jardinier
Nacquit une semprevive.

Joseph Auguste

NOVO MEIO DE PURIFICAR A AGUA

A gravura representa um apparelho de recente invenção norte-americana, destinado a purificar, por meio da electricidade, a agua para os usos domesticos.

A machina é propria para purificar pequenas quantidades d'agua de uma só vez. E' um apparelho simples que tem sobre os filtros a superioridade da rapidez com que funcciona.

O distincto dr. Graça Couto, interessante sub-director da Saúde Publica, é, pelas eminentes qualidades de elegancia com que substitue os ausentes predicados de homem de sciencia, uma encantadora pessôa cujas conquistas amistosas nas elevadas espheras dirigentes explicam a commoda facilidade dos seus triumphos na vida.

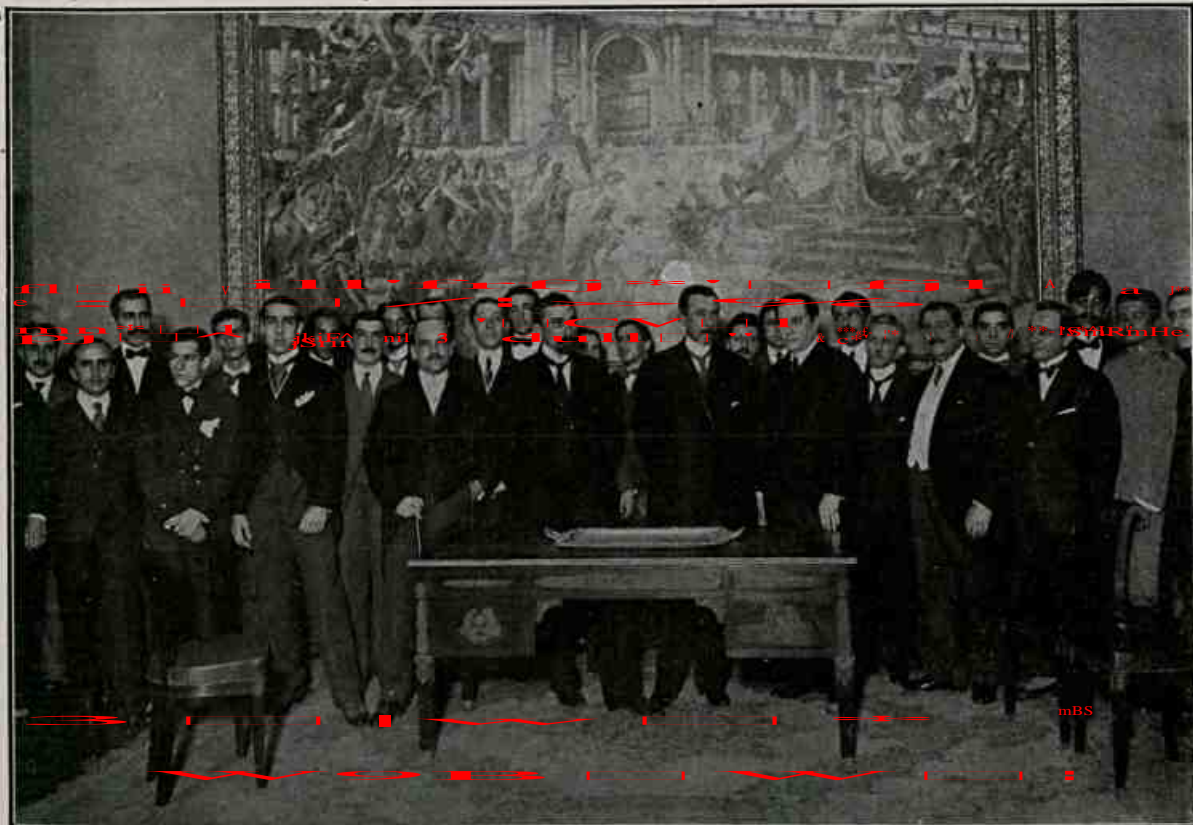
Todos gostam do sedoso dr. Graça Couto e tambem nós o apreciamos e queremos bem, mas, nas circumstancias actuaes, depois de ter elle, como sub-director da Saúde Publica, escorando-se num legitimo ou falso funccionario do Itamaraty, com o auxilio de sete senhoras, procurado lesar o fisco e passar um contrabando, nada podemos fazer em seu beneficio.

Que voltas o mundo dá! O dr. Graça Couto, com o seu *cavaignac*, com o seu ar de grande senhor, com a sua filauciosa importancia, a falsificar funccionarios do sr. Lauro Muller e a pretender illudir senhoras de alta roda para reduzil-as a heroinas de façanhas incompativeis com a sua posição social.

Uma só peça servindo de mala, banheira, cesta de roupa, etc

A gravura acima mostra um invento dos mais recentes: um movel, que póde servir para differentes usos, taes como mala, banheira, cesta de roupa, berço, etc.

Esse movel é coberto de uma folha de metal, esmaltado por dentro e por fóra, tendo no fundo um orificio de escape para a agua, com a respectiva tampa.

A NOSSA CHANCELLARIA

O Dr. Lauro Muller reassume a pasta do exterior

A Festa da Bandeira

Na Festa da Bandeira, toda ella tão cheia de emocionante patriotismo, houve um imprevisto verdadeiramente sensacional, que fez a multidão delirar de enthusiasmo.

1º tenente piloto aviador naval Augusto Schorcth

2º tenente piloto aviador naval Victor de Carvalho

1os tenentes pilotos aviadores navaes Vianna Bandeira e Virginius de Lamare, que fizeram com o apparelho C 1 os vôos sensacionaes por sobre a multidão

Quando mais intenso ia o movimento na avenida Beira-Mar, ouviu-se uns sons cavos no espaço, rumorejos de azas fortes, helices deslocando o ar.

A multidão estacou surpreza para fitar o espaço e viu desfilar um apoz outro, sobre milhares de cabeças attentas, os hydroplanos da Flotilha Naval.

Do seio da multidão, applaudindo o arrojo dos pilotos, vozes claras se erguiam :

— Este é o C. 1 !

— Olha o C. 3!

— Aquell'outro é o C. 2!

Mas era o inicio. Deixando a ordem que observavam no desfile, os tres hydroplanos principiaram a evoluir. Este descia rente ao chão como uma andorinha, aquelle alçava o vôo para o alto como uma garça real ; mas aquelle outro, equilibrando-se aqui, descendo acolá á altura da estatua de Barroso, contornando com garbo mais além as arvores da avenida... Quem o tripulava ? Uma senhorita, pallida de emoção, quando esse hydroplano passava junto de seu automovel, exclamou :

— Parece um beija-flôr dançando num bosque.

E essa ingenua imagem de mulher pronunciada com nevrotica commoção por lindos labios, era pouco depois substituida por outra mais forte, de legitimo cunho popular :

— E' o hydroplano phantastico !

Em dado instante, passando rente ao pavilhão nacional, um dos pilotos ergueu-se e fez continencia á bandeira.

Alguem reconheceu os seus dois tripulantes e acclamou-lhes o nome :

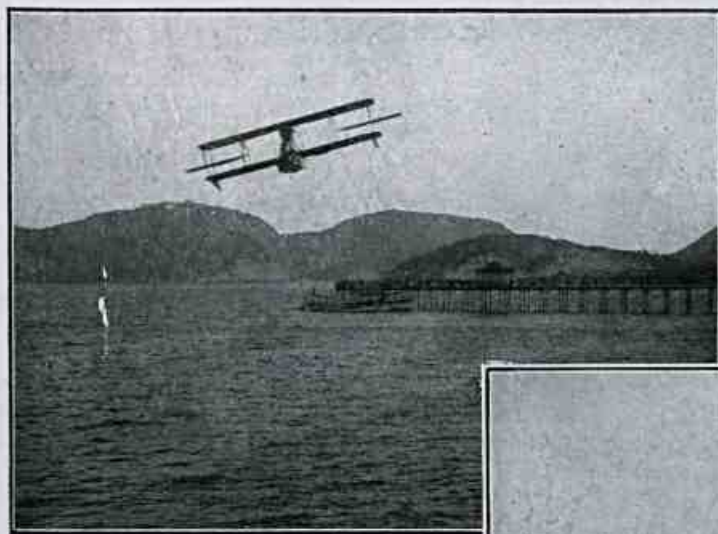
— São os tenentes Bandeira e Delamare !

— De facto, era um daquelles arrojados e destemidos officiaes da nossa gloriosa Armada, o piloto que se erguera para saudar o glorioso symbolo da patria.

Esses officiaes não são simples pilotos, são apaixonado da aviação ; não só fazem bonitos vôos, como conhecem o seu apparelho e dirigem-n'o com o desembaraço com que um destro cavalleiro guia o seu corcel.

E como elles, igualmente destemidos, são todos os seus collegas da Escola de Aviação Naval, cujas sensacionaes evoluções do dia 19 produziram no povo sensações nevroticas de verdadeiro deslumbrmento.

A Festa da Bandeira este anno, além do juramento dos reservistas navaes de todas as categorias, teve mais essa revelação da mocidade em pról da patria, pois se a juventude veste a farda gloriosa do marinheiro para garantir o futuro do solo brasileiro, aquelles que já têm bordados nos punhos tambem sabem dar-lhe o exemplo demonstrando com denodo o seu conhecimento dos mais modernos apparelhos de guerra.

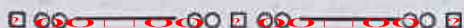
A festa da bandeira

O creado, espantado : — Isso é o bife á milaneza que o senhor pediu.

— Mas veja o cheiro ! Isto é carne estragada ! Chegue o nariz !

O creado, curvando-se ao hombro do freguez, murmura-lhe ao ouvido :

— O cheiro que o senhor está sentindo não é da carne. Queira reparar !

E relanceando cuidadosamente o olhar em torno, explicou :

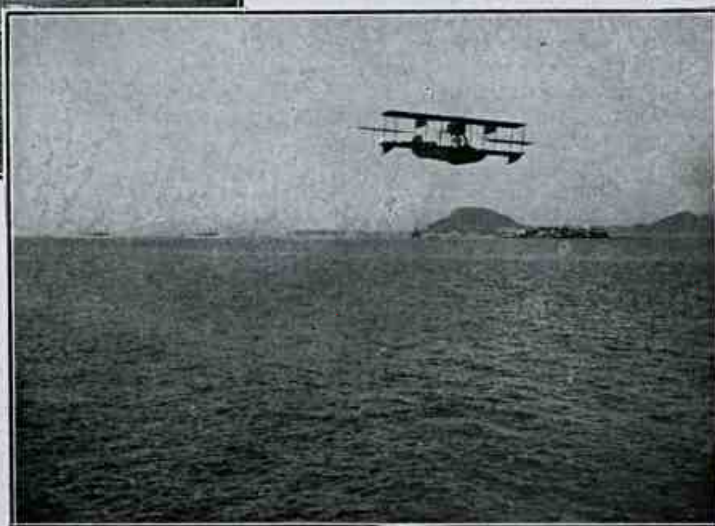
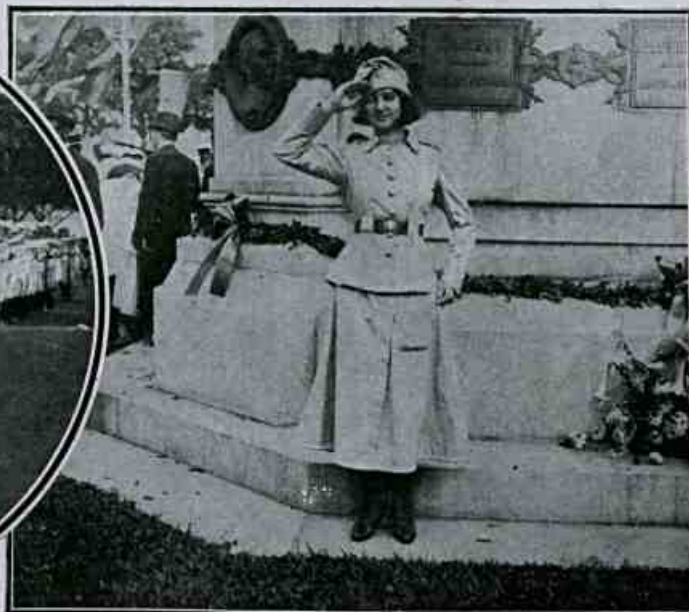
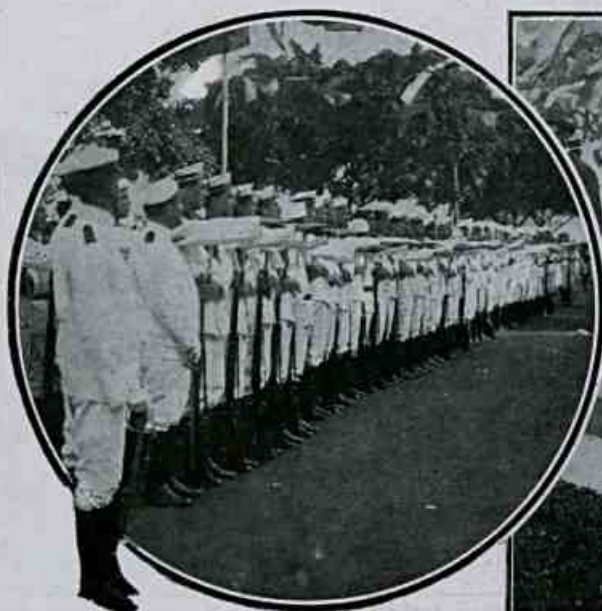
— E' do peixe que este freguez aqui ao lado está comendo !

Ligeiro equivoco

Num restaurante chic á rua... o freguez dá na mesa um murro que faz saltar os pratos e talheres :

— *Garçon* ! Chegue aqui !

O creado corre apressado, com um sorriso servil :

— Que deseja o senhor ?

O freguez, indignado. — Que diabo é isto que você me trouxe ?

As evoluções dos hydroplanos da marinha brazileira

A festa da bandeira

Lente de raio X feita com uma penna

O contorno dos ossos da mão pode ser visto, collocando-se esta deante de uma luz forte e olhando-se a mesma atravez de uma lente feita de um pedaço da extremidade de uma penna de ave. A gravura mostra essa curiosa lente, adaptada a um rectangulo de papelão fino, podendo ser guardada na algibeira.

Eis como se faz esse interessante instrumento. Procure-se uma fina penna branca de ave, cortando-se a sua ponta, como mostra a gravura. Tome-se depois um pedaço de cartão, de duas pollegadas de largura por seis de comprimento. Dobre-se ao meio este cartão, furando-se um orificio de um quarto de pollegada de diametro, atravez das duas partes do mesmo. Colloque-se a penna entre estas duas partes sobre o buraco, de modo que a penna fique bem achatada e nenhuma nervura de fóra. Collem-se depois as duas partes do cartão e está prompta a lente.

Olhando-se a mão, atravez do orificio, numa distancia de quinze pollegadas, perto de uma lampada electrica ou outra luz forte, vêm-se claramente todos os ossos dos dedos e da palma.

OS INVENTOS UTEIS

A MACHINA DE DICTAR

Um dos editores de um dos mais importantes jornaes de Nova York acaba de inventar um interessante e engenhoso meio de utilizar o tempo despendido diariamente, no percurso entre o escriptorio e sua residencia.

Installou uma machina de dictar no seu automovel e, emquanto vae para o escriptorio ou volta para a casa, emprega o tempo em dictar noticias, annuncios, ordens, etc. o que é muito mais rapido do que escrevel-os. Depois a machina repete as ordens aos empregados.

Francamente, já é vontade de não perder tempo.

-oo-

Os olhos de um cameleão movem-se independentemente um do outro.

O idolo da mocidade

Olavo Bilac, de regresso de sua viagem triumphal ao Rio Grande do Sul

Num desastre de via-ferrea

Pouco antes da Estação do Brumadinho, na Estrada de Ferro de Pilar a Tejuco, a machina, apanhando uma boiada que passava pela linha, descarrilou, virando-se

BANHISTAS

varios carros, entre gritos e gemidos dos passageiros, num panico indescriptivel...

De entre os destroços do comboio, começam a ser tirados os feridos um a um. Chegou a vez do velho mendigo João Mochiba, o qual parecia ser um dos de maior gravidade, juntando-se por isto muitos dos circumstantes em torno delle.

Num momento a victima, que até então estivera desfallecida e inconsciente, voltou a si, abrindo os olhos. Estabeleceu-se logo um silencio de interesse e de sympathia, emquanto o velho parecia procurar reconhecer nos olhares d'aquelles que o rodeavam a realidade da sua situação.

— Estou ferido ? murmurou em voz fraca.

Disseram-lhe que sim ; mas que seu estado não era felizmente muito grave. Comtudo era indispensavel fazer-se-lhe a amputação do pé.

— De qual delles ? pergunta o mendigo, com visivel anciedade.

— Do esquerdo, lhe responderam.

Então João Mochiba apalpa demoradamente o pé direito e voltando-se para o medico :

— Antes isso ! No pe esquerdo é que eu tinha uns calos terriveis ! Podia ser peor ! E agora me darão mais esmolas !

JOTA TÉ

— Tens ratos em tua casa ? pergunta o Abilio a um seu amigo, sujeito adoidado.

— Tenho uma immensidade d'elles, responde o outro.

— E o que lhes fazes ? Estou desesperado com a quantidade de ratos que tenho em casa.

— O que queres que lhes faça ? replica o outro. Faço o mais que posso : dou-lhes casa e comida á vontade. Que mais podem elles querer ?

A festa da bandeira

Forte de Copacabana

O caso do Ministro Murinelli

No café Papagaio, á tarde, um nobre funccionario do Itamaraty que procurara, no anceio de dar expansão á lingua comprimida pelo dever, num recanto discreto, conversa com o alentado official de gabinete de um ministro :

— Os escandalos do teu ministerio, dizia o diplomata, não são maiores do que os do meu.

— Duvido.

— Só esse caso do Murinelli é espantoso.

O official de gabinete declarou :

— Não conheço o caso, mas conheço o Murinelli. Esse diplomata, ha tres annos, no tempo do marechal, foi nomeado ministro do Brasil em Quito, capital do Equador.

O diplomata confirmou :

— E' exacto, mas até hoje não tomou posse do cargo porque ha tres annos está licenciado em Paris, onde recebe os seus honorarios em ouro.

— Que sujeito feliz !

— Tem bons padrinhos. Devia estar em disponibilidade.

— Elle casou com a grande artista Marthe Regnier.

O collega do nosso ministro em Quito, tomando um aspecto grave, disse :

— Agora, por causa desse casamento, vamos enfrentar com um caso novo na historia da nossa diplomacia.

— Como ?

— Marthe Regnier foi contratada e vae fazer uma grande *tournée* artistica pelos Estados Unidos. Ora, ou o Murinelli, de accordo com as exigencias ferozes de carreira vae para o seu posto ou permanece discretamente escondido no ocio de Paris e uma senhora que em todos os paizes, para todos os effeitos, é, *officialmente*, uma *ministra do Brasil*, ficará, com esta sua qualidade official, desacompanhada de seu marido no seio de uma empreza que por suas condições naturaes expõe as mulheres ao atrevimento dos homens, ou o Murinelli, submettendo-se aos seus deveres de marido, acompanha a esposa e, com a qualidade official, inseparavel de sua pessoa, de Ministro do Brasil, segue como um comparsa desclassificado a companhia de comediantes e incorporado ao bando conduzido pelos interesses do emprezario atravessa um paiz em que ainda póde vir a exercer a representação do governo brasileiro.

— E' um caso singular.

— O Presidente da Republica, impressionado com a singularidade desse caso, mandou o Souza Dantas pôr o Murinelli em disponibilidade mas o chanceller interino, lembrando-se de que é amigo, foi companheiro de collegio e collega de carreira do esposo de Marthe Regnier, pedio ao Wenceslão um pouco de tolerancia, de modo que esse acto venha a ser praticado pelo chanceller effectivo.

— Então, está resolvida a cousa.

— Qual resolvida! Informado pelo Souza Dantas, o Murinelli telegraphou ao Urbano Santos e ao Azeredo, e, apertado por elles, o Lauro prometteu obter com o Wenceslão que a disponibilidade seja transferida para a época em que se faça o movimento diplomatico.

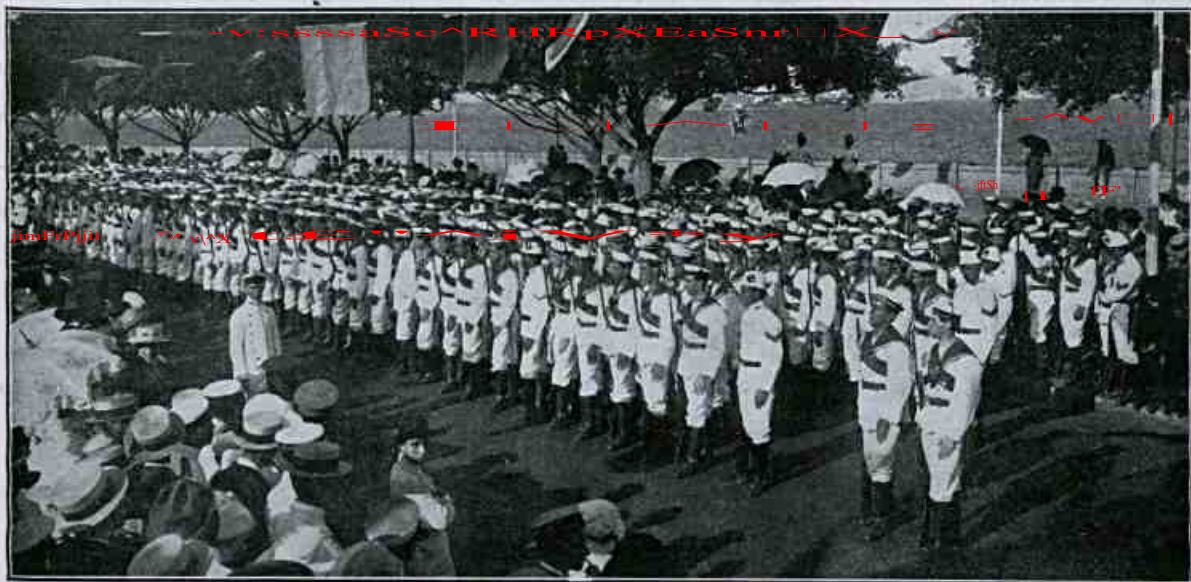
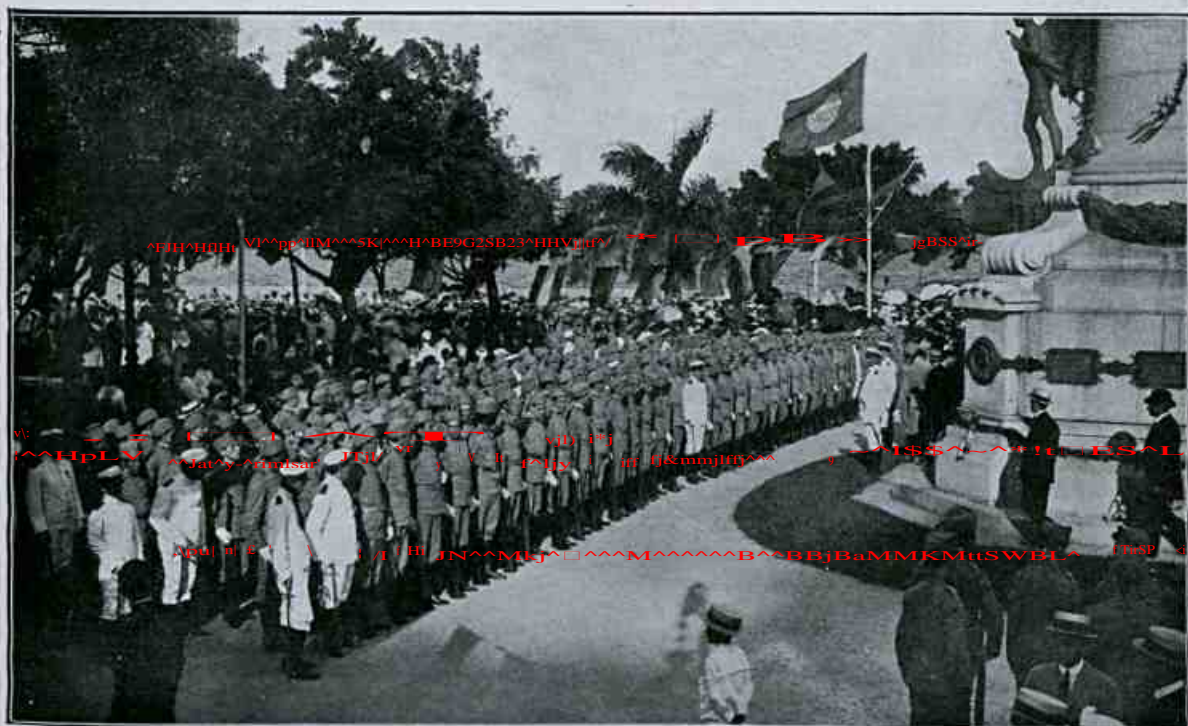
— E quando se fará esse movimento?

— Está annunciado desde o tempo de Rio Branco...

— Então...

— O Murinelli não corre perigo.

Sessenta por cento dos casos de myopia são hereditarios.

A festa da bandeira

Reservistas navaes

Tiro naval

O UNICO...

O sr. Oliveira Lima, segundo a sensata descoberta do temivel poeta Emilio de Menezes, é um homem gordo...

Dizem que o poeta, vendo no volume physico do sr. Oliveira Lima uma perigosa sombra ao seu Estro, revoltou-se contra o exagerado physico do rival e tratou de engraxar os degráos do Parnaso com o grosso suor que lhe proporcionou o melhor de seus magnificos sonetos, para que o outro, se tentasse ir fazer-lhe concurrencia no templo, escorregasse nas escadarias e nunca conseguisse galgal-as.

Ora, constava que o sr. Oliveira Lima, que não é menos gordo que o Emilio, não era extranho aos requebros das Musas. Justificava-se portanto os rancores do Emilio. Mas o sr. Oliveira Lima definiu-se. S. exc. não é em verdade indifferente aos meneios daquellas musicaes deusas, mas não mexe com ellas.... S. exc. faz cousas diplomaticas, discursa mesmo em banquetes, mas tudo em prosa...

Se o sr. Oliveira Lima fosse magro, o Emilio não se importaria que elle fizesse versos, poemas até, porque todo o indigena magro, pallido ou cabelludo, póde não ter o nickel para a cangica, mas no minimo a verba para publicar um livro de versos sempre arranja.

A aspiração do Emilio é modesta. Elle não pretende ser o poeta mais grandioso do planeta. O Emilio pretende, e de facto o é, o *unico* homem gordo que faz versos no Brazil.

BOIAS DE PELLE DE CABRITO

Para atravessar os grandes rios

Os habitantes da Mesopotamia usam um meio original para atravessarem os rios Tigre, Euphrates e Chatel-Arab.

Cosem uma pelle inteira de cabrito, calafetando lhe todas as fendas e fazem uma boia que amarram ás costas. Depois atiram-se nagua e começam a nadar de uma margem a outra.

A condecoração de um heróe nas trincheiras francezas da fronte

A gravura acima mostra um espectaculo imponente na «fronte» franceza: a condecoração de um soldado, que se salientou por seus prodigios de bravura, tendo logar a cerimonia nas trincheiras da linha de frente, sob o fogo do inimigo.

Muito embora os maus fados dirijam quasi sempre as barcas da Cantareira para o fundo do mar, ainda ha gente corajosa que embarca em taes esquifes e como Deus nunca desampara os que têm coragem, damos algumas photographias representando alguns desses heroes que, mettendo-se nas barcas, não foram ao fundo do mar.

O trabalho mais difficil da Camara

O coronel Anacleto Tapanhoacanga, deputado e prestigioso chefe politico do Norte de Minas, chegara a cavallo, acompanhado de um camarada tambem montado que tocava um burro com canastrinhas, ao arraial do Vallo Fundo, a cinco leguas da cidade do Paraúna, onde residia.

Era em outubro de 1894, na vigencia da agitada sessão parlamentar, em que diversos deputados da opposição accusavam violentamente o governo do marechal Floriano de ter commettido crimes sangrentos na repressão da revolta da armada e da revolução federalista.

A's oito horas da noite, na residencia do professor Jeremias onde se hospedára, o coronel Anacleto contava a um grupo de correligionarios, que o foram visitar, os trabalhos da Camara, as interpellações ao governo sobre os fuzilamentos, os discursos inflammados e cheios de patriotismo, os apartes violentos, os conflictos e disturbios em plena sessão...

— Ah! temos trabalhado muito! Temos cumprido o nosso dever, atravez de todos os perigos! concluiu o illustre deputado.

O professor Jeremias olhava espantado para o chefe politico, como quem queria dizer alguma cousa e não tinha coragem... Afinal animou-se:

— Desculpe, senhor coronel, disse elle, hesitante. Leio sempre a sessão da Camara nos jornaes e nunca vi nenhum discurso pronunciado pelo senhor.

— Você não entende nada disso! respondeu o deputado.

E dirigindo-lhe ao juiz de paz e ao delegado:

— Os senhores não costumam vêr no jornal, no meio e no fim dos discursos, as palavras: — *Sensação... Sussurro no recinto e nas galerias. Cruzam-se violentos apartes?*

— Costumamos sim senhor, responderam os dois caipiras.

— Pois sou eu só que faço tudo isto! continuou, triumphante, o coronel Anacleto. E' o trabalho mais difficil da Camara!

Todos, inclusive o professor, concordaram que devia ser realmente um trabalho muito difficil.

Um mez depois, o professor Jeremias era transferido do Vallo Fundo para outra escola, a cincoenta leguas de distancia.

C.

Caricaturas de voluntarios

Os organisadores do salão dos Humoristas, tendo convidado senhoras para assistirem á Exposição, fizeram retirar as unicas caricaturas immoraes enviadas ao certamen, e que eram obra de um senhor Almir Pinto.

Zangado por que lhe negaram um lugar para as suas obscenidades, o sr. Almir, em carta endereçada a *Lanterna*, faz á *Careta* obscuras allusões cujo alcance e causa não percebemos.

Em verdade, esta revista admira o genio poetico e applaude a conducta civica de Olavo Bilac. Esta admiração e este applauso, ao que parece, não conquistaram a inutil e dispensavel sympathia do sr. Pinto, porque, no seu amuado dizer, representou nas suas pinturinhas, «os moços que por ahi andam fardados de uniforme apertado na cintura e alargado nos quadris.»

Esses nobres rapazes, dignos dos louvores da gente sensata, num esforço generoso, desattenderam ás vozes da dignidade e deixaram o offensor com as costellas intactas.

A *Careta*, a quem surprehende o azedume do sr. Almir, não foi quem forneceu aos briosos voluntarios o seu elegante uniforme e só quando as retiraram, teve conhecimento da existencia das caricaturas do sr. Pinto, ás quaes não se referio na sua noticia da Exposição.

Em sua carta á *Lanterna*, o sr. Almir fala com ironia, que se repete, dos descendentes dos aymorés e como em nossa redacção ha um bisneto dos charrúas e um neto dos araucanios, declaramos que estes nossos companheiros não têm menos orgulho do seu impetuoso sangue de indios do que o sr. Pinto da sua bella côr de negro.

O medo e o susto medidos aos grãos

Algumas profissões (aviador, commandante de navio, machinistas de trem de ferro, etc.) em que um susto momentaneo pode sacrificar varias vidas, exigem uma calma extraordinaria deante do perigo.

Inventou-se mesmo ha pouco um apparelho especial — o chronometro de Arouval — que registra mathematicamente as pulsações e a respiração de um individuo, ao ouvir inesperadamente um tiro de revólver.

Os mais calmos são os mais aptos para essas profissões.

O SALÃO DOS HUMORISTAS

Reunião chic

O veto da Camara dos Deputados derribou definitivamente o original e ousado projecto de reforma do Conselho Municipal do Rio de Janeiro, elaborado com estudiosa habilidade pelo deputado mineiro sr. Afranio de Mello Franco.

Esse projecto, na audacia da sua concepção de discutivel constitucionalidade, encarava de modo nunca dantes visto a formação do Conselho e, mesmo depois de ter cahido, merece a attenciosa bôa vontade dos reformadores de systemas.

O nosso illustre confrade sr. Lindolfo Collor, combatendo com elevação e competencia o projecto Mello Franco, deu á lume uma brilhante série de artigos, que estão, hoje, enfeixados nas paginas harmonicas de um folheto.

O estudo do distincto jornalista, examinando sériamente o projecto que combate, serve tambem para demonstrar que o sr. Mello Franco tinha conseguido grupar no seu trabalho algumas idéas dignas de serem meditadas e até acolhidas pelos nossos legisladores.

Parece que um novo projecto, o de um deputado fluminense, vae apparecer na Camara, visando a reforma do nosso implacavel Conselho. Esse trabalho não será completo se não harmonisar, completando-os ou desenvolvendo-os, o projecto do sr. Mello Franco e os principios do sr. Lindolfo Collor.

Fritz, o seguro artista que é um typo modelar de homem fino, mandou ao Salão dos Humoristas uma collecção admiravel de bonecos de panno, perfeitas estatuas modeladas pelo seu brilhante talento sobre uma fragil materia cuja duração corresponde á ephemera gloria de quasi todas as victimas dessa consagração.

Da perfeição desses bonecos dá uma pallida idéa o alarme que agitou, ha poucas noites, o salão dos humoristas.

Com effeito, o Barbosa Lima a que *Fritz* metteu uma dóse de miolo de pão no bestunto, animando-se a horas mortas, sentio uma onda de inspiração subir á peanha em que o puzeram, e, turbando o repouso nocturno dos collegas, começou a deitar a vastidão eloquente de um discurso sobre casos antigos do Amazonas. Despertando ao seu lado, outra obra de *Fritz*, o capitão-alferes Costa, com a sua temida autoridade, oppoz um dique á loquella parlamentar do boneco e restabeleceu a ordem legal no salão do riso.

A festa da bandeira

UM DIA DE MODA

INSTANTANEOS

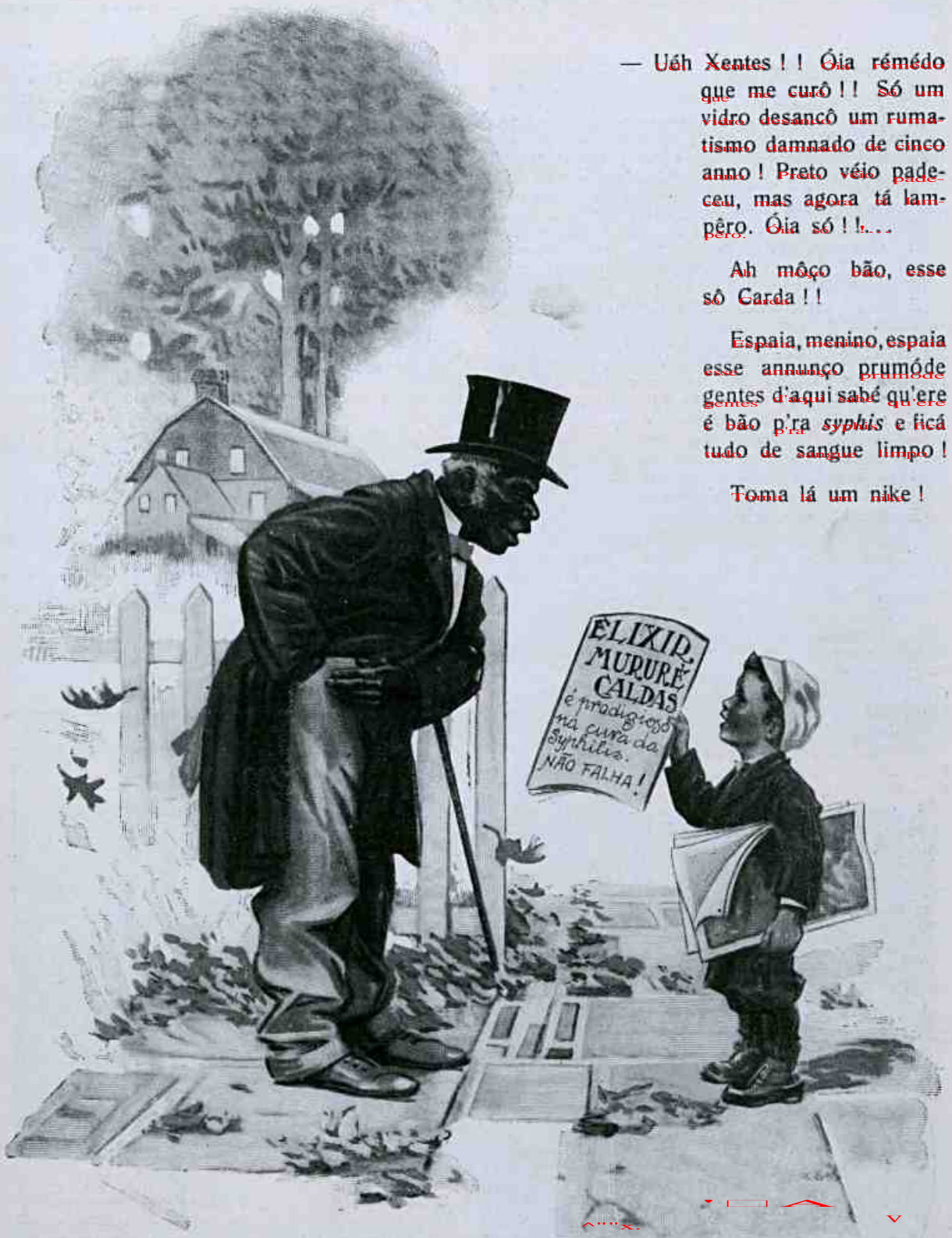
O juiz, dirigindo-se a uma testemunha :

— O senhor viu o réo espancando o queixoso. Porque não acudiu a este e não evitou que a aggressão proseguisse ?

A testemunha : — Eu lhe digo, senhor Juiz. Emquanto se passava este caso, eu tambem estava occupado em dar uma sóva num sujeito que me devia uma conta e não queria pagar.

A soirée do dia 11 do corrente commemorativa da inauguração do Grande Hotel Central, o mais sumptuoso Hotel do Brazil.

As distinctissimas senhoras e cavalheiros que assistiram ao baile

Não satisfeita com o brilhantismo da *soirée* de 11, M.me Martha Niederberger, que é de uma actividade sem par, tem offerecido, semanalmente, chás-concertos nos bellos *halls* e terrasse do magnifico edificio. As familias cariocas têm encontrado nesses *chás*, que constituem a nota *chic*, tudo o que se possa exigir de fino. A orchestra é dirigida pelo illustre maestro Pickmann.

A' venda na **DROGARIA PACHECO**, Rua dos Andradas n.º 43 -- Rio de Janeiro

e em todas as Drogarias e Pharmacias dos Estados.

Os telephonistas dos exercitos

Os telephonistas, heróes modestos e corajosos, que representam o seu papel obscuro e ingrato com infatigavel dedicação, são os indispensaveis auxiliares do commando. Já não se póde dispensar na guerra moderna o telephone, como não são indispensaveis os aeroplanos e os automoveis. Ora, quando a artilharia atrôa durante dias e noites, cumpre reparar incessantemente, durante muitas horas, cem vezes a rêde cortada, por meio da qual os chefes permanecem em contacto com todas as tropas.

E essas reparações não se praticam sem perigo. Os electricistas designados para essa tarefa são expostos, a cada instante, ás marmitas e aos obuzes. Comprehende-se que, durante a batalha de Verdun, por exemplo, o corpo dos telephonistas haja sido, com o dos heroicos «brancardiers», um dos que mais soffreram.

No seu «Diario de campanha» um official francez, o capitão Rénibaud, que canta com amor a alegria e a coragem dos bravos soldados da França, relata a historia, bella como um poema épico, de um d'esses humildes telephonistas.

Escuta. E' um coronel que falla :

«Havia, ha alguns dias, n'um abrigo, um pequeno telephonista, louro e corajoso. Eu estava então no meu posto de commando, na floresta. De cinco em cinco minutos, ouvia o claro «Allô» de uma voz juvenil.

— «Sim, coronel, tudo vae bem... Sim, coronel, o reducto resiste sempre.

Mas o canhoneio augmentava ; os tiros se succediam, reduzindo a migalhas fascinas e gabiões...

— Sim, coronel, tudo vae bem, repetia sempre o pequeno telephonista.

Longe, no parapeito, os homens resistiam sempre. De subito ouviram-se d'esse lado, gritos de dôr. Um 105 tinha cahido sobre o parapeito, cortando pernas, mutilando rostos. Depois, mais nada, além da voz do pequeno telephonista, que não cessava de resistir :

— Tudo vae bem, coronel !

Mas a situação se aggrava :

— Coronel, o capitão e cincoenta homens estão sepultados sob os destroços. Que é preciso que eu faça ? pergunta-me o telephonista.

— Fica no teu logar, respondi.

E a companhia dizimada passava sempre, batendo em retirada na orla do bosque.

Os companheiros do pequeno telephonista começavam a agitar-se : uns preparavam os seus saccos, o outro a espingarda... Ao longe, nova detonação... Bum ! justamente em frente ao abrigo... Decididamente a resistencia se tornára impossivel. Os telephonistas partem, um a um. Sósinho, o pequeno permanece, sempre, com o apparelho ao ouvido.

— Serás citado na ordem do exercito, disse eu, para animal-o.

— Oh ! não vale a pena, coronel.

A companhia tinha passado ; os obuzes cahiam sempre.

— Coronel, tudo se desmoronou em torno de mim. Estou sósinho no reducto. Que devo fazer.

— Fica. Envio outra companhia.

— Bem, coronel ; ficarei. »

O pequeno telephonista permaneceu até ao fim, até ao limite das forças humanas. A companhia de reforço achou-o morto ao lado do seu apparelho. Foi, sem duvida, alludindo a heróes como estes, que um dos generaes vencedores deante de Verdun, interrogada a respeito das tropas que tinha ás suas ordens, respondeu :

— «Os meus homens merecem que se ajoelhe deante d'elles.»

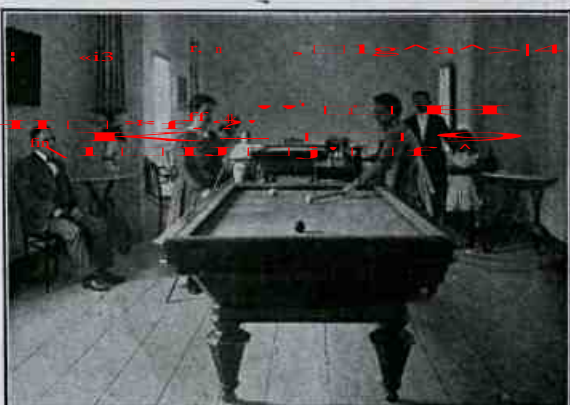
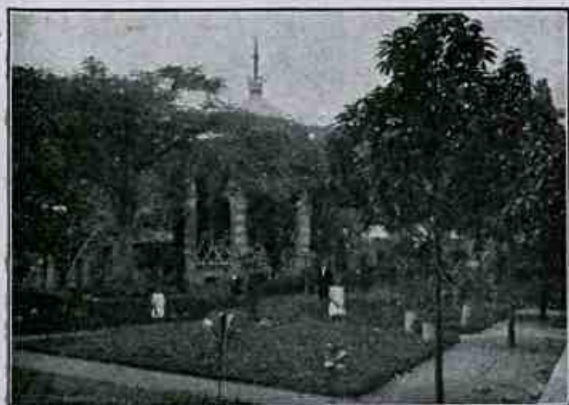
L'Information Universelle.

O Sport nos Estados

Ruder Verein Germania de Porto Alegre

Vista geral

Estrada do sitio das Uvas (Dependencia do hotel)

Salão de visitas

Salão de bilhar

Um aspecto do grande jardim, vendo-se o Pavilhão de Leitura

Cascatinha

Reabriu-se em Mendes, o «Grande Hotel Santa Rita», sob a mesma direcção dos hoteis «Avenida», «Rio-Palace», «Globo» e «Fluminense» desta capital.

Mendes é uma esplendida localidade de verão, e o «Santa Rita» que dista da Estação 2 kilometros servidos por bondes novos, em cujo trecho se descortinam panoramas encantadores.

Situado junto de linda floresta onde a passarada alacre enche de encantos a alma do veranista, tem ainda a vantagem da temperatura que é amenissima.

As photographias acima dão alguns aspectos do importante estabelecimento onde tudo satisfaz a clientella selecta que o demanda em busca de oxigenio e do socego de espirito, desde os dormitorios amplos ao *hors-ligne* restaurante.

A diaria é 10$, e, para mais de uma pessôa no mesmo quarto ha 20 % de desconto.

Os senhores veranistas sentir-se-ão bem em «Santa Rita» onde gozarão ainda a garantia absoluta da auzencia de doentes.

Meio simples de carregar a tripeça photographica

Para evitar o incommodo de carregar a tripeça nas excursões photographicas, um photographo norte-americano teve uma idéa feliz.

Mandou fabricar uma tripeça de metal, que podia ser dobrada em varias partes, occupando um pequeno espaço. Quando sahia a serviço, suspendia-a ao hombro, com uma correia, debaixo do paletó. E assim andava muito mais desembaraçado.

O VALLE

Atravessei regiões de varios mundos... Chego
Fatigado, e desejo o silencio no olvido...
Encontro neste valle aromado e florido,
Sob a bençam do sol e da lua, — o socêgo!

Venho exhausto, arrastando a alma antiga de um grego...
Este, que ora diviso, amavel templo erguido
Entre arvores, na paz de um jardim escondido,
A' serena virtude offerece aconchêgo.

Luctando em vão, soffrendo em vão, desesperado,
No anceio de attingir do sonho á forma pura,
Trinta e quatro annos tenho, estereis, dissipado.

O' valle da harmonia, ó templo da ventura,
— Virgem eleita! anima o viajeiro cansado,
Ampara o triste, acolhe o amôr que te procura!

LEAL DE SOUZA

O FIM DO MUNDO

— Dize-me o que se vê depois daquelle prado...
Mais longe não alcança.
em todo o descampado,
o meu curioso olhar. Dize-me se ha mudança...

— Ha, de certo, outro espaço. Ha de um outro horisonte
a linha marginal: planicies, cordilheiras...

— E depois? E depois?
— O rio, o bosque, o monte
como sempre aqui vês, absorto horas inteiras.

— E depois? E depois?
— O mar, o oceano immenso.

— E depois desse mar?
— A praia, a areia, a terra...

— E depois? E depois?
— O rio, o bosque denso,
outro valle, outra serra.

— E depois? E depois?
— De novo o mar profundo,
sempre a mesma ascensão, sempre a mesma descida,
e vae-se andando até que se acha o fim do mundo
... no lugar da partida!

(Do *Livro de fabulas.*)

BALTHAZAR PEREIRA

A VISINHANÇA MUSICAL

O sr. Honorio, official aposentado do ministerio da Guerra, precisando de fazer economias, mudou-se.

Quem se muda por economia, muda-se para uma casa mais barata, e se vai para uma mais cara, é porque não tem tenção de a pagar.

Mas com o Honorio não succedia isto, porque, tendo o credito muito limitado, e tendo de dar bom fiador, não lhe era possivel fintar ao proprietario.

A nova casa era unida a outra do mesmo formato.

Na visinha residia uma familia musical, cuja menina cantava e tocava piano, e o irmão flauta.

O concerto começava de manhã e prolongava-se ordinariamente pela noite dentro.

E' necessario dizer que o piano era um traste historico, mais desdentado do que as velhas da mesma idade, e com o som de um sino rachado.

De taquara rachada era tambem a voz da menina.

Da flauta nem é bom falar. Causava horror a todo o quarteirão.

O Honorio soffreu pacientemente esta visinhança durante trinta dias.

No dia 1º do mez elle se dirigiu á visinha e bateu á porta.

A dona da casa veiu abrir, mandou o visitante entrar e sentar-se.

O Honorio disse algumas palavras amaveis e depois foi entrando no assumpto :

— Minha senhora, eu vim lhe pedir um favor.

— Pois não, visinho, se estiver em minhas mãos.

— Desde já digo que está.

— Pois então pode contar que será servido.

— Eu desejava que a senhora organisasse um concerto de canto, piano e flauta para hoje...

— Oh ! com todo o prazer ! Eu logo vi, quando o senhor chegou para aqui, que era um homem de sentimento artistico, de bom gosto...

— Bondade sua...

— Não senhor ! Pela cara se conhece. Pode ficar tranquillo que será servido. A' noite...

— Desculpe minha senhora, mas se fosse possivel ser das seis ás oito...

— Das seis ás oito ?... Mas seis horas é a hora em que sentamos á mesa para jantar. Emfim, para o servir...

— Oh, muito obrigado, minha senhora.

— Eu comprehendo bem. O senhor espera alguem das seis ás oito.

— E' verdade.

— Algum amigo...

— Não é propriamente amigo, é o senhorio.

— E elle gosta de musica ?

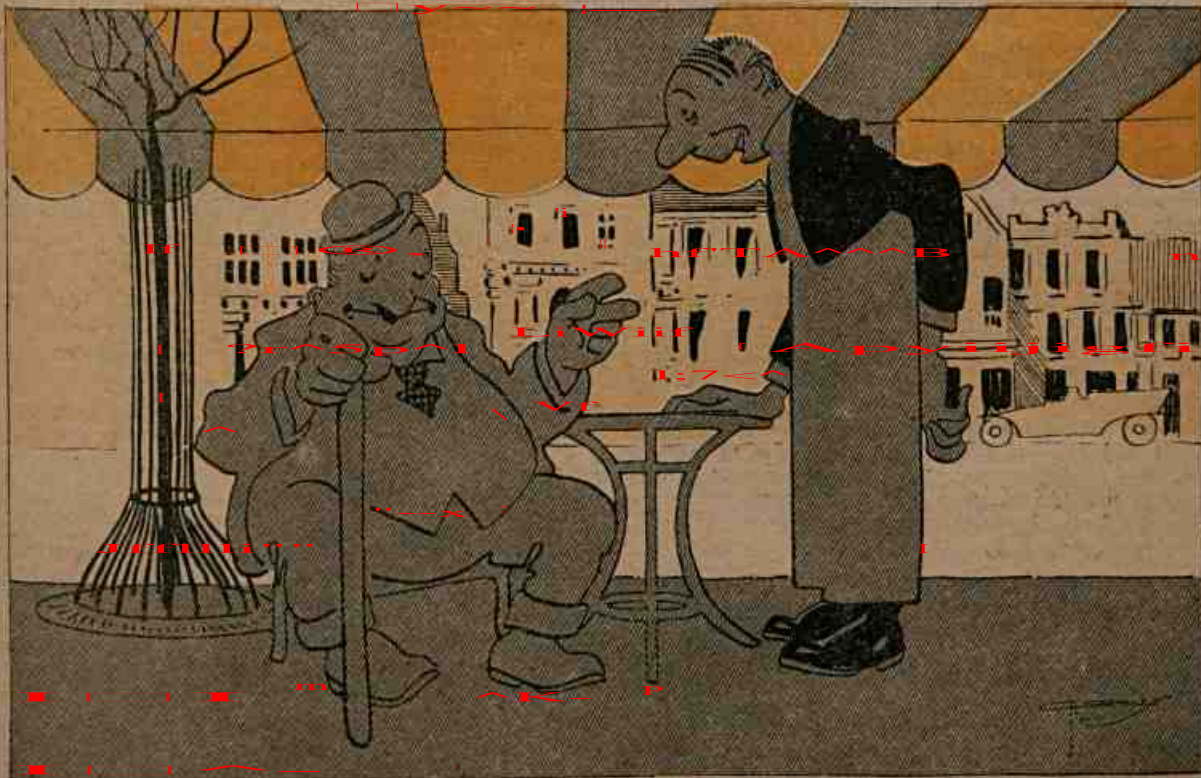
— Não sei.

— Mas então para que quer o senhor que se esteja fazendo musica aqui na hora que elle vier ?

— Porque eu quero aproveitar esta circumstancia para ver se obtenho delle a diminuição de trinta por cento no aluguel...

Emquanto a dona da casa foi buscar a vassoura, o sr. Honorio desceu a escada aos quatro degráos de cada vez.

BRUNO

PALPITAÇÕES

— Hoje o tiro é certo. Eu tenho uma visinha que tem um cachorro que vive a uivar. Pela manhã a mulhersinha bateu-me á porta e me deu a boa nova de que... *vai dar o cachorro.*

AS QUATRO ESTAÇÕES

(Eugenio Demolder)

Nascido em Bruxellas em 1862, filiou-se muito moço ao grupo symbolista; é um artista precioso da palavra, seus trabalhos inspirando-se sempre em épocas remotas da Hollanda da Renascença.

Publicou: *Impressões de Arte* (1889), *Cantos d'Yperdamme* (1891), *Cantos de Nazareth* (1893), *O authentico reino do grande S. Nicoláu* (1896), *A lenda de Yperdamme* (1896), *Quatuor* (1897), *A agonia de Albions*, *O jardineiro da Pompadour*, *O coração dos pobres*, etc., etc.

Mora em França e é collaborador apreciado do *Mercure de France*.

Ha delle um estudo de critica celebre sobre Felicien Rops. (1894).

* * *

Lisbeth passa, na primavera, por sob as macieiras leva pela mão uma cabra manchada de preto e branco: o ceu, por entre as arvores apresenta tons de ouro. E a raparigainha, puxando o animal que morde as cardaminas, está fresca como o reflexo de um iris verde sobre a agua. M. Cheunus murmura-lhe:

— Lisbeth, deixa-me colher uma mecha dos teus cabellos; n'elles brinca a primavera. Tu me appareces como a verdura depois dos dias de geada e eu queria ver debaixo dos teus braços, si não brotam folhas de louro como nas cavidades dos ramos prateados. Deixa-me ver se os bicos de teus seios estão já prestes a florir, Lisbeth.

Lisbeth concerta o seu collar de coral, depois, pegando nas pontas do seu avental azul para fazer a reverencia diz a M. Cheunus, com uma voz em que perolas cascateiam:

— Na proxima estação!

Ella foge por entre os troncos das macieiras. M. Cheunus contempla a sua touca de rendas que desapparece sob as aveleiras para as quaes a cabra quer saltar. E diz comsigo:

— Paciencia!

Vae ver a sua collecção de borboletas exoticas; as azas dellas extendem-se tão grandes como mãos ostentando no setim de suas nervuras, o azul turqueza e o nacar opalino; ha tambem escaravelos verdes: M. Cheunus acha-lhes cores de esperança.

Vem o Verão. Lisbeth passa com uma braçada de flores colhidas nos campos. Suas faces estão queimadas pelo ar dos prados; das orelhas pendem brincos: seus braços nús punham em torno das hervas que ella leva duas serpentes de um tom moreno roseo.

— Eis-te de novo Lisbeth!

— O Snr. Cheunus!

— Oh! Lisbeth! Queria ver si a brisa que queimou as tuas faces de ambar, queimaria tambem tuas espaduas e se o bico dos teus seios tem a cor do trigo maduro. Estou certo, Lisbeth de que a cintura do teu vestido deixa na tua pelle um traço roseo como o de um abraço; mostra-me o teu busto nú! O suor molha tuas faces e tenho vontade de sentir na tua nuca o cheiro do feno cortado!

Lisbeth atira a M. Cheunus duas centaureas da cor dos seus olhos, uma papoila da cor da sua bocca, um punhado de florinhas roseas como sua carne e algumas gramineas pardas. Grita:

— Na proxima estação.

Ella parte cantando uma canção de marinheiro.

— Amará ella um pescador? diz M. Cheunus.

E vae admirar os seus bibelots reunidos num armario á Luiz XV: as tenazes com cabos de ouro, que fazem pensar em bolsos de marquezes. Ora são collares de Dordrecht de «coraes de sangue», diademas de diamantes e perolas finas, grampos e fivellas de Volendam.

Manejando essas cousas preciosas, M. Cheunus diz comsigo mesmo que ellas têm o brilho de Lisbeth e completariam as bellezas da sua carne; resolve ornal-a com ellas um dia.

Chega o Outomno.

Lisbeth passa sob as folhas que se tornam bronzeadas em torno dos fructos vermelhos. Nesse tempo da colheita, a rapariga levava deante dos seios um sacco cheio de maçãs.

— Que bellas fructas! grita-lhe M. Cheunus.

— Foi Deus quem as fez!

— Mas o diabo serviu-se dellas para tentar Eva, Lisbeth! Deixa-me ver si a penugem da tua pelle é tão macia como a do damasco e si os teus labios têm o perfume do abricó que se abre, si teus beijos desmancham-se na bocca como as uvas!

— Na proxima estação!

Lisbeth atira dus maçãs, grandes, redondas, duras que a maturidade amarellece.

M. Cheunus apanha as duas maçãs e colloca-as na fructeira, uma fructeira arrumada segundo os principios: pouca luz, ar secco; as peras são dispostas em grades de osso; os cachos de uvas colhidas com uma porção do galho enfeitam os vasos verdes envoltos em laminas de chumbo e cheios d'agua que brilham como esmeraldas no fundo de um quadro de Rembrant. Ali as duas maçãs ficam numa claridade suavemente prateada. M. Cheunus as acaricia ligeiramente como dois seios e aproxima os labios de uma dellas. Quando elle levanta a cabeça todas as fructas aparecem-lhe sob um aspecto voluptuoso: as uvas fazem o effeito de perolas de carne, as peras tem a redondeza de pequenos ventres. Uma noz partida em duas partes mostra pequenas pernas esbranquiçadas, exquesitas na penumbra. M. Cheunus corou e suspirou:

— Na proxima estação!

— Ella chega.

O Escalda e o Mosa estão presos pelo gelo. Flocos de neve cahem em turbilhões sobre os telhados.

Um domingo, o ceu se abre sobre a planicie.

Lisbeth apparece.

Traz uma manta negra com um capuz e patins.

— Vaes para o canal, Lisbeth? pergunta M. Cheunus.

— Sim, é domingo!

Ouve-se ao longe o som dos sinos.

— Está fazendo tanto frio Lisbeth! Vem ao meu quarto mostrar si verdadeiramente o teu peito lembra a neve e a aurora. Teus olhos são o ouro dos alfinetes, são flocos amarellados. Teus olhos? Serpentes de fogo! Fada de inverno, os pardaes deveriam beber em teus labios! Vem! No fogão o pinho queima; cobrirei o teu corpo de joias mais ardentes do que linguas de fogo!

A rapariga abana a cabeça.

— A natureza está morta! diz ella.

E Lisbeth risonha atira a M. Cheunus uma bola de neve, symbolo da castidade, endurecida nas suas mãos rosadas.

Ella foge por baixo das arvores de onde fogem pêgas gritadoras.

Mas uma visinha passa:

— Lisbeth anda depressa, diz ella; a pequena vae encontrar-se com Ittema o pescador, seu amante.

M. Cheunus empallidece: o inverno mordendo o seu coração com seus dentes de gelo não o teria feito estremecer mais dolorosamente.

— A natureza está morta! balbucia elle.

Vae até um quar que raramente frequenta. Nelle está um relogio extranho.

Construido por um relojoeiro da Floresta Negra no seculo XVI, representa um esqueleto do tamanho natural; o esqueleto bate na cabeça de um leão de madeira avermelhada para fazer soarem as horas.

M. Cheunus tinha comprado aquella peça por simples curiosidade; naquelle triste dia de inverno percebeu pela primeira vez a expressão maldosa da Morte e o aspecto soffredor do leão.

Ah maldita da caveira sem labios! E como ella batia com força no pobre animal!

O Tempo occulto na caixa do pendulo como em um ataúde auxilia-a sinistramente fazendo ranger as ferragens.

E M. Cheunus comprehende o velho relojoeiro; tinha toda razão em marcar por meio de urros doloridos a fuga das horas e da mocidade.

E num espelho de Veneza pendurado á parede o hollandez mirou por muito tempo a sua cabeça em que os cabellos grisalhos se despontavam aos punhados.

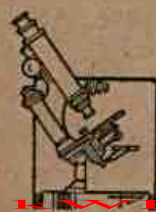
FIM

Como aproveitar a casca do côco

Cerrando-se ao meio um côco da Bahia, com as duas metades pode-se fazer, á escolha, uma infinidade de objectos de uso domestico: copos, taças, cinzeiros, porta-cartões, etc.

Aqui no Rio já têm sido expostas artisticas taças de côco e ouro feitas em Diamantina.

DOIS FAMINTOS

— Você está vendo, Polycarpo, como o mundo é mal feito?...
Gordo, assim, e ainda comeu um banquete!

Depois que o meu juizo esthetico transformou-se em operario caprichoso da fórma, tenho acepilhado muita imagem fóra do uso, mas o esforço gasto em tão rude mister nenhum proveito tem trazido até agora aos prélios novos das Lettras indigenas...

Não creiam que eu, perfilando imagens na disciplina da phrase, procure animar figuras de homens illustres para o prévio annuncio popular da sagração. Lamento em verdade o insuccesso do meu éstro diabolico, sempre que ao dispor delle ponho qualquer individualidade fidalga, mas em seus escombros fica intacto o ideal e é em pról do ideal que me bato e não em beneficio das sombras que passam...

Por isso, quando um confrade me assobia um invento, deixo-o assobial-o á vontade, porque ao ouvil-o lembro que as bruxas que o mais forte delles pinta, não valem o tempo empregado no necrologio de um sonho.

Duas expressões me escaparam agora que merecem mais detido exame: assobio e bruxas...

Para explical-as, porém, não vou fazer torneio de humorismo nem estudo de arte.

Dil-as-hei simplesmente ao sabor da penna ou analysal-as-hei em face do senso commum?

Não, não farei tal! Se o fizesse, esta penna de aço era capaz de querer alçar bem alto o vôo, transformar-se em penna de gallinaceo ao serviço do vento...

Repetirei portanto o que disse a um discreto critico no «Salão de fantoches» do Lyceu de Artes e Officios.

Elle extranhára a minha presença naquelle local em dia de festim.

Expliquei-lhe então em tom natural:

— A épocha é dos bonecos...

O rapaz, que sabe rir, achou graça no que eu lhe acabava de dizer, espirrou e continuou rindo.

Quasi desconfiei, mas percebi logo que esse era o seu habito predilecto e falei-lhe de assobio:

— Aqui dentro ninguem assobia.

O rapaz ainda não terminára de rir e ouvindo essa extravagante phrase riu mais forte.

Continuei:

— Todo o mundo que entra neste «Salão» tem vontade de rir ante os modelos de bruxas que os caricaturistas colleccionaram e esquecem o sagrado dom do assobio.

E quando isto eu dizia, passeavam de um lado para outro uns amontoados de pannos e retalhos com agradaveis feições de gente fragil em visita á exposição.

O rapaz cada vez ria mais forte e com mais gana e nada de dar uma opinião ou engeitar sequer um gesto no vacuo.

Detive o olhar num cartaz que me prendera a attenção e prosegui:

— O assobio é o symbolo democratico de vaia, por isso ficou lá fóra...

O rapaz ria... ria.

Approximei-me mais do cartaz e arrastei-o até junto delle com amabilidade:

— Contempla esse trabalho e dize-me a tua douta impressão.

O rapaz nada de amainar o riso e a sua boa impressão foi traduzida numa gargalhada:

— Dizem que é de um artista anonymo!

E nada mais consegui arrancar-lhe da lingua nem mesmo outro espirro.

O seu interminavel riso, porém, já me estava açulando os nervos contra a sua pessôa, quando a legenda da *charge* que examinavamos me poz no caminho da salvação.

Perguntei-lhe radiante, apontando-lh'a:

— Leu a legenda nesse papelão escripta?

E antes que elle me respondesse, lia-a eu em voz cantante:

— «O homem é o unico animal que ri.»

Deante dessa phrase o rapaz ficou sério e eu, despedido-me, affastei-me do local emquanto o rapaz ia desabafar no seio de alguns collegas, declarando que aquella legenda, não era legenda, «era um epitaphio philosophico.»

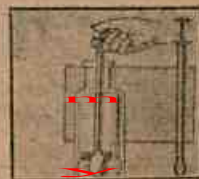
GARCIA MARGIOCCO

O pequeno mendigo

— Tens cinco irmãos? Todos *homens?*

— Não senhora. São todos mais moços que eu.

Para tirar azeitonas

A gravura mostra um instrumento de metal, de recente invenção, proprio para tirar azeitonas inteiras dos vidros longos e estreitos.

Esse instrumenta é provido de pequenos dentes que apparecem á pressão do pollegar e pode ser utilizado tambem para extrahir rolhas do fundo das garrafas.

CURIOSO INVENTO DE UM MANETA...

QUE GOSTAVA DE JOGAR

Um industrial, nos Estados Unidos, gostando immensamente de jogar e tendo perdido o braço direito num desastre, mandou fazer o objecto assignalado na gravura, para sustentar as cartas do baralho: um pedaço de madeira com uma fenda em que elle collocava as cartas que ia tirando com a mão esquerda. Já é paixão pelo jogo!

ATTESTO que tenho empregado na minha clinica, com os melhores resultados possiveis o ELIXIR DE NOGUEIRA do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira.

Bahia, 27 de Março de 1916.

Dr. Eutychio da Paz Bahia

Diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia.

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias, casas de campanha e sertões do Brazil. Nas Republicas Argentina, Uruguay, Bolivia, Perú, Chile, etc.